

CORPO  
QUE  
SE  
EXPERIMENTA  
EM  
RASGOS



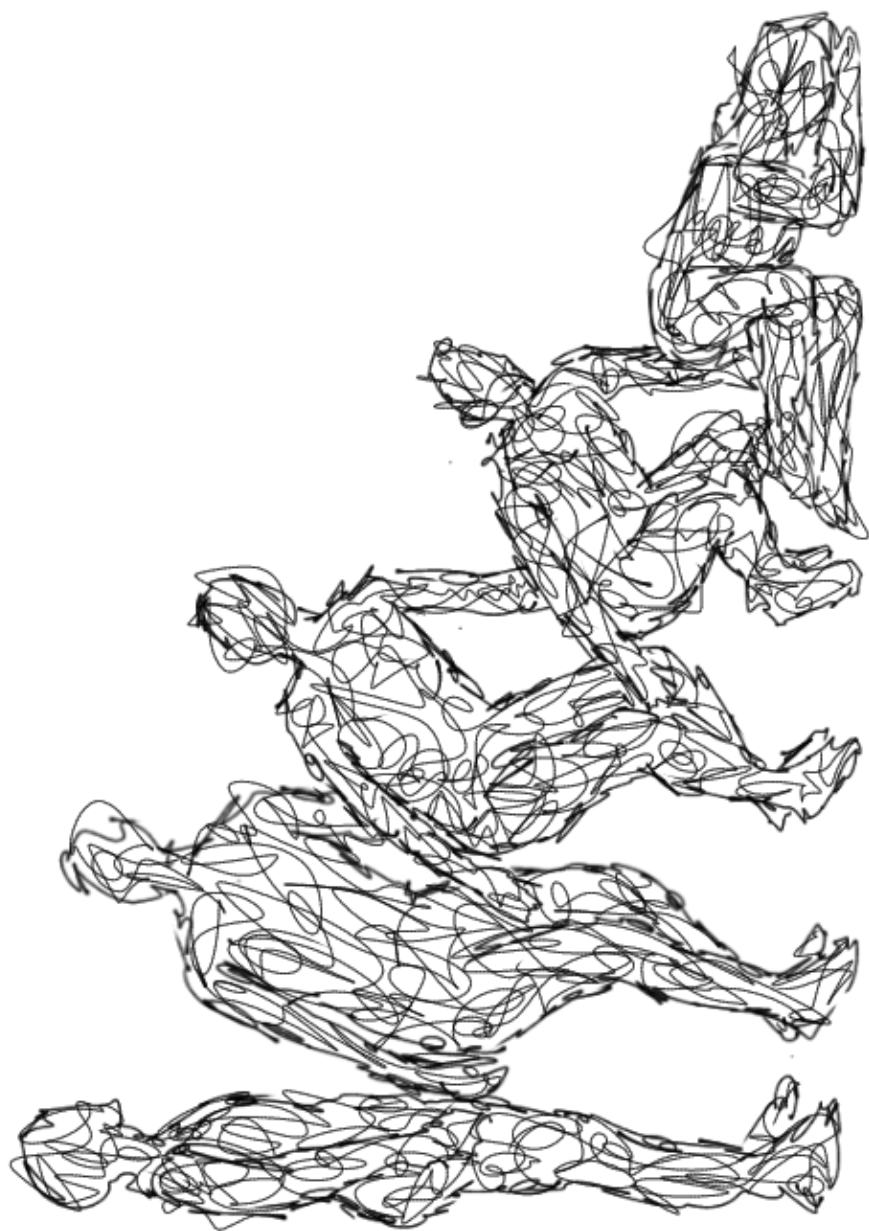
V I C T O R   G U I L H E R M E   F E I T O S A

CORPO  
QUE  
SE  
EXPERIMENTA  
EM  
RASGOS

1ª edição  
irecê.ba  
são paulo.sp



EDITORA  
**Trevo**







## carta pública à guisa de prefácio

salvador, 14 de outubro de 2020

victor,

era noite, em minha despedida de irecê. no intervalo entre a defesa de tcc de uma colega sua e a palestra que se seguiria, tivemos uma conversa de canto. era o momento de ir embora e todo momento de ir embora também deve ser o momento de dizer coisas importantes [ou que, em nossa leitura de mundo, pareçam importantes] às pessoas que habitam o nosso carinho. naquele instante, conversa breve de pouco mais de 20 segundos, eu te disse: “vitu, tu é artista, menino. e não deixe nunca que te digam o contrário”.

dois anos depois, *corpo que se experimenta em rasgos*, teu primeiro livro, o qual tive a alegria de acompanhar a produção, vem a público. e este fato só faz confirmar aquilo que eu te disse em algum corredor do sertão de irecê.

você me convocou para escrever o prefácio. talvez eu te decepcione, pois, ao invés de prefácio, te escrevo essa carta pública. [tenho certa implicância com prefácios, admito: aquela coisa meio de legitimação, meio de benção, saca? prefácios também têm um quê de autoritarismo (não à toa, fazem constar os títulos e as vinculações de quem os assina), direcionando o olhar dxs leitorxs para este ou aquele aspecto do texto, limitando todos os demais. entenda, querido: eu não acho que a poesia precise de autorizações, legitimações ou bênçãos: a poesia precisa acontecer. e a sua, que acompanhei desde quando você vestia formas mais tradicionais, muito pouco condizentes com a singularidade do seu dizer o mundo, acontece aqui, neste livro].

devo te dizer: teu livro vem em boa hora. sabemos, eu e você, que a literatura, em seu encontro com nossos corpos, pode disparar afetos de alegria – essas forças de vida que, como um fármaco, nos reinveste de potência de agir em um mundo que, dia-a-dia, vai se tornando pior. teu livro, neste cenário distópico em que estamos encerradxs, é um lampejo, victor. afinal, se os rasgos compõem o corpo, talvez seja *também* neles que devemos experimentar a vida, não é mesmo?

há uma coragem comovente em seu texto. no mais das vezes, relegamos nossas fragilidades ao canto mais obscuro e recôndito de nós mesmxs, como se quiséssemos fingir suas inexistências. no entanto, quanto de potencial adoecimento, que nos envenena e mata de pouquinho em pouquinho, se encontra nesse gesto de performar uma força impossível de se ter? você sabe [e sua poesia também] que a saúde não está em esconder aquilo que, em nós, constitui pontos de quebra, mas, em trazê-los à cena em que nossos corpos elaboram um dizer que é a alquimia do rasgo em obra. *tenho lidado com bloqueio há muito. por vezes sentei e tentei despir-me em palavras, tentei as portas, cortinas, janelas, cancelas, poços, tanques, olhos. tentei abrir tudo o que se abre, tudo o que move os espaços para que haja entrada ou saída, tudo o que pode dar passagem, tudo o que pode fazer correr vento, água, que pode fazer correr espasmos, que deixa correr por entre, você diz e, no gesto mesmo de dizer das tentativas de dar a volta nas barragens, de contornar os represamentos, você estabelece a palavra como um lugar de clínica. pela palavra, você dá mãos e pernas e bocas às fantasmagorias que te circundam e atravessam, não para sofrer em demasia, absorto na sedução implacável que a dor exerce, mas, para tirar um passo de dança, que é arte. você convida os teus fantasmas para esta dança de passos imprevistos, às vezes fora do compasso [e ser fora de compasso é bonito e é forte, victor], ou num compasso de improvisações e desvios, que é a tua poesia.*



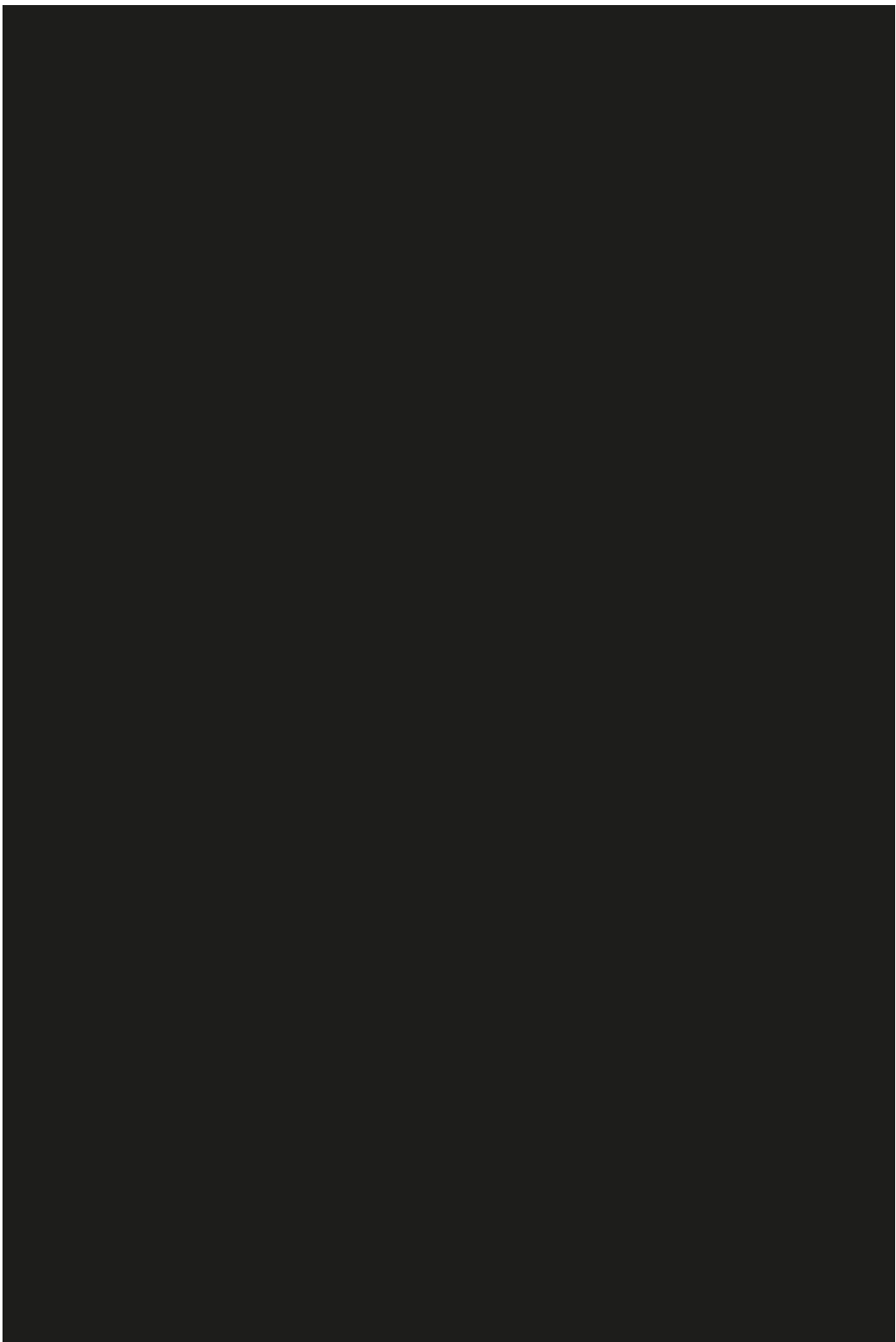
sim, desvios. o primeiro, e mais importante, se dá como desvio em direção à vida [no sentido forte que esta palavra admite, nunca atrelada à redução bio-fisio-mecânica em que a sequestram xs conservadorxs de plantão]. há uma demanda de/por vida que corta longitudinalmente este teu primeiro livro e se apresenta sob múltiplas formas porque múltipla se revela a vida quando o corpo entra em processo de experimentação – esse espaço do incerto, onde não resta qualquer segurança a respeito de qualquer resultado ou destino, apenas o processo em si: a experimentação. escrevi, recentemente, num poema ainda por publicar: “a vida só é vida na experimentação dos desvios desejados, o corpo sabe. instantes ativos de fuga. ou de queda. descontinuidade: interrupção voluntária do que é fluxo parado, entupido. desarticulação do que obstrui a vida em prol da abertura de um descaminho: espaço diagonal grávido de possíveis. substituir o esquema início-meio-fim por início e início e início e. processo. reconhecer o ponto de esgotamento – da coisa ou do corpo – como desejo de outros começos”. você entende isso. como desvio em direção à vida, sua poesia é também um convite infinito [que você faz a você mesmo, que você faz a mim, que você faz a quem estiver com teu livro em mãos] a outros começos. *em todos os lugares existem possibilidades de vida. rebeldia ao galho. nessas andanças o bicho percebe que seus desejos de metamorfose se ampliam; é necessário que também seja força da natureza*, você escreve.

bicho. essa força, que é um desvio em direção ao inominável em nós, àquilo que querem adestrar sem nunca conseguir efetivamente amansar, é o que você convoca seu corpo.palavra a ser. devir-bicho. a animalidade emerge em sua lírica como lugar de potência e desrepressão: ali, onde o corpo não é educado; ali, onde o corpo não é disciplinado; ali, onde o corpo não se reduz à racionalização excessiva do mundo, mas o experimenta desde a pele; ali, onde o corpo conjuga o desejo; ali, onde cria possibilidades não mapeadas de vida.

insisto: em boa hora, este teu livro vem a público. ele tem a força com a qual, talvez, por todos os assédios [visíveis e invisíveis; macros e micros; explícitos e velados] que temos sofrido, precisamos urgentemente nos encontrar. há qualquer coisa que é da ordem de uma saúde que o teu texto restaura. por isso, se eu, ao revés de minha necessidade quase invariável de palavras em demasia, fosse reduzir esta carta a uma apenas, eu te diria, victor: alegria!

antonio carlos sobrinho

p.s. e repito: “tu é artista, menino”.





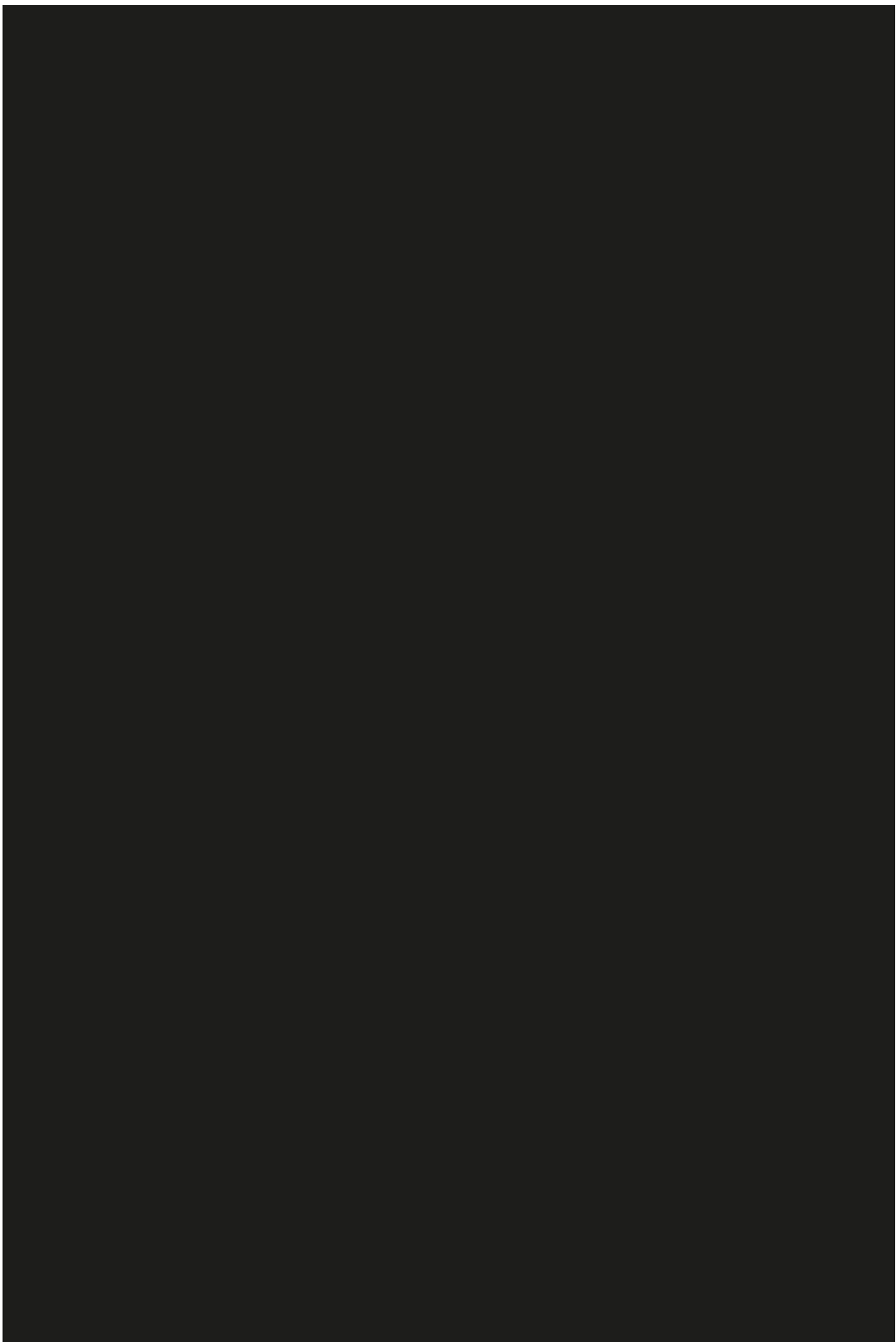
para meus amigos

ainda somos daquela laia de alegria, né?  
caminhamos juntos



*o corpo é o corpo  
e além do corpo repercute o abismo*

Helena Parente Cunha





**corpo que  
se experimenta  
em rasgos**



da ponta dos pés até o mais alto desejo: corpo. a extensão do corpo é até onde ele pode se projetar. em paredes, chão, dentro de alguém ou alguém dentro dele. um aperto de mãos, sorrisos e afetos emanados. quando se pensa na experimentação das sensações, logo também se imagina um manancial de toques, talvez algo no paladar ou massageando o tabu dentro das roupas. a experimentação dá-se em afetos afins, dá-se em momentos de abertura e permitir-se sentir. de querer e outra vez querer. querer ser a mutação de corpos que se chocam e, nesse exato instante, decidem se fundir. metamorfosear-se. grunhir delicadamente em gritos. todo bicho precisa gritar. tudo o que é bicho precisa gritar. precisa se rasgar e mostrar que embaixo da carne existe mais do que sangue e ossos. mostrar que esse além é mar de tantas outras coisas. são tentativas de não se afogar: tentativas diárias de quem acorda, pensa cinco minutinhos a mais e decide se levantar e viver mais um dia. a metamorfose é passível de acontecer em qualquer encontro, é ela quem vai oferecer ao corpo a experiência e suas possibilidades de olhar. rasgar-se, cavalgar e ser cavalgado. mover-se.

## **abaixo, si**

mergulhei em águas desconhecidas. as  
luzes me guiaram por caminhos outros a todo momento, acredito  
que até aqui, neste quarto, nada existirá por um longo tempo.  
âmbar multicolor, abelhas de encontro à minha pele, e todas  
ferroam, e todos cantam; colmeia de ânsias nativas no corpo  
imóvel. na rua, 13 cantigas de  
maldizer acalantam o meu corpo ainda moço, maltratado por  
inúmeros latidos e onde a podridão ataca não tem mais cura  
<> somente o pavor da noite escura faz eu me sentir vivo.  
sou bombardeado cotidianamente e, às 7 horas da manhã, a  
mesma canção, o mesmo cheiro, a mesma sensação de engasgar-  
se com sentimentos vários. os  
móveis riem e eu, nu, descarrego todas as funções corporais  
ali mesmo. e sou carniça. e sou bruxa de mil faces. e sorrio  
para todos à minha volta. me rio, me rio. sou poça de lamas  
escuras e viscosas; olho para o vazio: ainda me rindo,  
abraço-o e danço uma valsa. e aquieto. e aceito.  
e boio.

## **como vida, ser vida**

sabe aquela música? não sei se soada ou gritada <> são músicas  
pensamentos <> eu penso, minha mãe talvez considerasse, mas  
nota-se que meu pai nem tanto. as miragens se formam em  
posiçõesdesordenadasequeremseordenarnummomentoemque  
a desordem não basta. a desordem se destoa e cria-se uma  
palavra para mais-desordem. mais; mais num copo de 300ml, um  
mais com um rótulo: “pague 250ml e receba 50ml grátis”. se  
paga com disposição: está disposto a sentir o baque da  
indisposição dos corpos alheios? estaria a fim. não estaria.  
talvez. só talvez. o sim determina os instantes de querer.  
queres sentir-pagar []paga com pedaço de afeto e se despedaça  
numa peneira que o transforma em farelos[]  
farelos de nós voam ao vento. após  
os ventos vem a chuva. farelos  
se juntam rente o muro dos quartos. nas camas.  
inevitavelmente a chuva. haverá uma reação em que os farelos  
se juntarão e outra vez serão resistentes ao vento.

se juntarão, andarão pelas ruas.

verão o anúncio.